

O COTIDIANO DA FAMÍLIA QUE CONVIVE COM O ALCOOLISMO

Andreia Cristina Machado Thomáz¹

Larissa Viana Almeida de Lieberenz²

Carla Aparecida Carvalho³

RESUMO

Contextualização: O consumo de álcool no Brasil é fenômeno corriqueiro e a alta ingestão da bebida promove implicações biológicas, psíquicas e sociais, tanto para o alcoolista quanto para os familiares. Portanto, questiona-se: como o alcoolismo interfere no cotidiano de famílias acompanhadas por uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) de Sete Lagoas-MG? **Objetivos:** compreender o cotidiano familiar de pacientes alcoolistas; identificar os impactos do alcoolismo na dinâmica familiar e as estratégias para enfrentamento do problema; investigar as práticas de cuidados promovidas pelas unidades de atenção primária ao alcoolista e à sua família. **Metodologia:** pesquisa de campo, qualitativa, realizada com 14 familiares de primeiro grau de pacientes alcoolistas, acompanhados pela equipe da ESF estudada. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevista semiestruturada e audiogravada. Os dados foram tratados na proposta de análise de conteúdo de Bardin e foram respeitados os critérios éticos de pesquisas envolvendo seres humanos. **Resultados e discussão:** emergiram três categorias de análise: “a violência na convivência com o alcoolista”; “sofrimento familiar em conviver com o alcoolista” e “atenção à saúde do paciente alcoolista sob a ótica do familiar”. Os resultados encontrados sugerem que há violência e sofrimento na convivência com o alcoolista e que a equipe da ESF necessita aprimorar a assistência ao paciente alcoolista. **Considerações finais:** O alcoolismo é um fenômeno de repercussões importantes para o cotidiano familiar, não completamente compreendido pelos familiares e que desafia profissionais e equipes de saúde no acompanhamento e enfrentamento do problema.

Descritores: Alcoolismo. Saúde Mental. Família. Cuidado de Enfermagem.

ABSTRACT

Contextualization: Alcohol consumption in Brazil is a common phenomenon and the high intake of alcohol promotes biological, psychological and social implications for both the alcoholic and the family. Therefore, it is questioned: how does alcoholism interfere in the daily life of families accompanied by a Family Health Strategy (FHS) of Sete Lagoas-MG? **Objectives:** to understand the daily family life of alcoholic patients; to identify the impacts of alcoholism on the family dynamics and strategies for coping with the problem; to investigate the care practices promoted by primary care units for alcoholics and their families. **Methodology:** qualitative field research with 14 first-degree relatives of alcoholic patients, followed by the FHS team studied. The data collection took place through semi-structured and audio recorded interview. The data were treated in the proposal of content analysis of Bardin and the ethical criteria of researches involving human beings were respected. **Results and discussion:** three categories of analysis emerged: "violence in the acquaintanceship with the alcoholic"; "Family suffering in living with the alcoholic" and "attention to the health of the alcoholic patient from the perspective of the relative." The results suggests that there is violence and suffering in living with the alcoholic and that the FHS team needs to improve care for the alcoholic patient. **Final considerations:** Alcoholism is a phenomenon that has important repercussions for family daily life, which is not fully understood by family members and which challenges professionals and health teams to follow up and cope with the problem.

Descriptors: Alcoholism. Mental health. Family. Nursing Care.

¹ Discente do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG. E-mail: andreiatomazenf@gmail.com

² Mestranda em Enfermagem pela UFMG. Docente do curso de Enfermagem da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG. Orientadora da pesquisa. E-mail: larissalieberenz@hotmail.com

³ Mestranda em Enfermagem pela UFMG. Docente do curso de Enfermagem da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas – MG. Coorientadora da pesquisa. E-mail: carlafecarvalho@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O consumo em massa de bebidas alcólicas ganhou força no século XVII com o estabelecimento de novos processos produtivos envolvendo bebidas destiladas e fermentadas. Nesse período, o consumo crônico de álcool era interpretado como degeneração ou pecado religioso e, somente no século XX, foi classificado como uma doença, grave e progressiva, cuja única solução seria a abstinência. Trata-se de uma patologia que impõe sofrimento psíquico e social intenso, pois os indivíduos enfrentam rótulos sociais como alcoolista, de ser mau homem, mulher, esposa, marido, trabalhador (a) (SOUZA *et al.*, 2015).

Quando se avalia a população mundial, estudos estimam que 10% das pessoas que residem nas zonas urbanas apresentam dependência do álcool e, isso independe do sexo, da idade, do nível de instrução ou do poder aquisitivo. O problema se caracteriza pelo consumo excessivo das bebidas alcólicas que pode ocasionar alterações psicomotoras, comportamentais, sociais e econômicas. É comum o paciente em sofrimento psíquico, por uso e abuso de álcool, apresentar-se com autonegligência em relação à higiene, saúde e vestimenta (MENDES *et al.*, 2018; TEIXEIRA, 2016).

No Brasil, a ingestão de bebidas alcólicas representa um costume corriqueiro e que se inicia cada vez mais precocemente, mesmo com a proibição da venda para menores. Evidência disso está no fato de que 67% dos homens e 33% das mulheres fazem uso de alguma bebida, pelo menos uma vez ao ano, em comemorações ou celebrações. Além disso, 11% dos brasileiros fazem uso de alguma bebida alcóolica todos os dias, e 29% de três a quatro dias por semana (MORAES; BARROCO, 2016).

Para a saúde do indivíduo, as repercussões do etilismo são percebidas em diversos sistemas que compõe o organismo, tais como: cardiovasculares, cognitivos e emocionais (propensão à depressão ou a atos violentos), trato intestinal e fígado (ampliação do risco para câncer) e traumas generalizados (devido ao aumento de acidentes de trânsito). Além disso, o etilismo também afeta os aspectos sociais e econômicos do indivíduo, o que pode levar ao desemprego e à desestruturação das relações familiares (FERREIRA; LOPES, 2017; SANTOS; CRUZ, 2018; TURAZZI; DEMARCO, 2016).

Nesta linha, Zambillo e Cenci (2014) sugerem que a dependência e o abuso do álcool, mais que uma patologia, representa um complexo fenômeno, multifatorial, escondendo muitas vezes graves problemas de relacionamento interpessoal ou de aceitação da própria vida, estando, por isso, permeado como um sintoma de crise. Este esconde, em muitos casos,

problemas mais sérios de interação familiar, de relação com a própria vida, denunciando a necessidade de abordagem multiprofissional para enfrentamento de um sofrimento psíquico explícito ou implícito.

Neste contexto, emerge a Atenção Primária à Saúde (APS), como um elemento chave para oferta da assistência e do acompanhamento a estes pacientes e suas famílias, vista como parte fundamental da terapêutica do alcoolismo (TAVARES; REINALDO; PIMENTA, 2017). Considerando os impactos familiares do paciente em sofrimento psíquico por dependência do álcool, reconhece-se que a abstinência não é a única solução, de modo que a abordagem multiprofissional é imprescindível para a condução dos casos. A APS pode ser estratégica neste aspecto, buscando atuar sobre a problemática do álcool na própria cultura de consumo das bebidas em âmbito regionalizado. Além disso, poderá acompanhar a família desses pacientes, ofertando o apoio institucional para auxiliar nas estratégias familiares de cuidado do paciente e da manutenção das próprias relações (SOUZA *et al.*, 2015).

Fundamenta-se a importância deste estudo, no fato de que o consumo sistemático e ostensivo de bebidas alcólicas reflete grave problema de saúde pública e epidemia global, sendo hábito de aproximadamente dois bilhões de pessoas acima de 15 anos (40% da população mundial). As experiências de ingestão dessas bebidas provêm de produtos comerciais e não comerciais (caseiros), que trazem prejuízos importantes aos cofres públicos devidos aos seus desdobramentos, tais como o óbito de aproximadamente 2,5 milhões de pessoas por ano no mundo. No cenário brasileiro, são estimados que 12% da população apresentem problemas decorrentes do uso nocivo e abusivo do álcool, entre eles: a violência doméstica, a cirrose hepática, a dependência química e o sofrimento psíquico, que impactam negativamente no contexto e no cenário familiar (ANTHONY; ANDRADE, 2009; FERREIRA; LOPES, 2017; MARQUÊS; MANGIA, 2013).

Assim, ao considerar os impactos à saúde do indivíduo e as consequências indiretas do alcoolismo para sociedade, torna-se relevante a compreensão da influência do alcoolista no contexto familiar como forma de subsidiar estratégias de enfrentamento do problema, incluindo a APS como eixo estratégico para detecção precoce do problema, promoção de ações de redução de danos e acompanhamento sistemático desta família.

Ao considerar alcoolismo um grave problema de saúde pública e social, bem como suas repercussões para o indivíduo e sua família, questiona-se como o alcoolismo interfere no cotidiano de famílias acompanhadas por uma ESF de Sete Lagoas, Minas Gerais? E apresenta como pressuposto que o alcoolismo interfere de forma negativa no cotidiano familiar. A partir deste questionamento estabelece-se como objetivo geral: compreender o cotidiano familiar de

pacientes alcoolistas. E como específicos: identificar os impactos do alcoolismo na dinâmica familiar e as estratégias familiares para enfrentamento do problema; investigar as práticas de cuidados promovidas pelas unidades de atenção primária ao alcoolista e à sua família, a partir da ótica dos membros da família.

Adotou-se a estratégia metodológica da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio da entrevista semiestruturada e gravada, os dados foram tratados na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011). Os participantes foram 14 familiares em primeiro ou segundo grau de pacientes alcoolistas acompanhados por uma ESF de Sete Lagoas, Minas Gerais. Os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos foram respeitados, a citar: carta de anuência da Secretaria Municipal de Saúde, a leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), conforme orientado nas resoluções nº466/2012, nº510/2016 e nº580/2018 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012; 2016; 2018).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CONSUMO ABUSIVO DE ÁLCOOL

Historicamente, o uso do álcool é útil em diversas áreas como na farmacêutica para a produção de medicamentos e elixires, na perfumaria e na alimentação, além da função social e formação de laços de comunhão. Com advento industrial, a produção do álcool passou a ser utilizada como combustível na mecanização e, aplicação em ampla escala na indústria de bebidas destiladas e fermentadas (ANTHONY; ANDRADE, 2009).

O uso abusivo dessas bebidas impacta na ação do sistema nervoso central (SNC), caracterizada por alterações do comportamento (excitação, depressão, sonolência ou agressividade), mudanças na percepção (visão e audição) e na cognição (redução dos reflexos, da coordenação, da articulação de palavras e menor capacidade de raciocínio) (MACHADO; BERNARDELLI; BENVINDA, 2018; MENDES *et al.*, 2018; THOMAZ; COSTA FILHO; BRAZ, 2015). Esses efeitos acontecem em função do álcool ser uma substância hidrossolúvel, o que proporciona uma rápida absorção pelo estômago e pelo duodeno, elevando rapidamente a concentração na circulação sanguínea e propagando-se por todos os órgãos sem grande

resistência. Sua metabolização inicia-se na primeira passagem pelo fígado e, através de processos bioquímicos, o organismo busca formas de eliminação, degradando as moléculas e expelindo-as através da urina, do suor e do hálito. As moléculas que não são eliminadas passam a exercer ação sistêmica, passando pelo fígado diversas vezes para que se conclua a metabolização (LOPES, 2016; VARGAS; ROCHA, 2016; VIEIRA; CARDOSO; SIQUEIRA, 2016).

Com as primeiras doses de bebidas alcóolicas, o indivíduo experimenta uma redução da ansiedade e sensação de relaxamento e leveza devido à ativação do neurotransmissor ácido gama aminobutírico (GABA), que possui ação inibidora neurossimpática. Porém, o álcool também interfere no sistema muscular, além da ativação do sistema GABA, o que proporciona dificuldades de controle motor, relaxamento, sedação e até mesmo impulsividade e agressividade (DORNELA; OLIVEIRA, 2016; PEREIRA *et al.*, 2017; TORRE, 2016).

O uso e abuso do álcool promovem outros dois fenômenos que estão associados ao sistema nervoso central: a tolerância e a dependência química. A tolerância é caracterizada pela necessidade de maiores doses de uma droga para que se obtenha o mesmo resultado alcançado anteriormente, levando ao aumento gradual do consumo, até a dependência. Esta se caracteriza por uma desordem crônica de incapacidade de controle do consumo, além da manifestação de síndrome de abstinência. Isso acontece através de complexos mecanismos fisiopatológicos envolvendo a neuroadaptação, mediada por ação da dopamina e do sistema neuronal glutamatérgico, que interferem no mesolímbico dopaminérgico. Assim, o indivíduo busca de maneira incessante altas doses de álcool (em função da tolerância) para ter as mesmas sensações de prazer (mediada pela dopamina) que sentiu nas primeiras vezes que ingeriu a bebida (MEIRELLES, 2017; RABELO *et al.*, 2017; VALE *et al.*, 2018).

Pereira (2018), em seu estudo sobre o perfil do alcoolista brasileiro, afirma que em sua maioria, são homens, casados, com idade entre 30 a 49 anos, pertencentes à classe média e baixa. Garrido *et al.* (2016) traçam um perfil semelhante desse indivíduo, mas relacionam ainda consumo de bebidas alcóolicas à agressão a mulheres, suicídios, acidentes de trânsito, de trabalho, ocorrências policiais e internações hospitalares por causas evitáveis, o que gera mais custos à saúde pública.

O alcoolismo é classificado como a “síndrome da dependência de álcool”, e é registrada no Código Internacional das Doenças (CID-11, p. 379), no que se refere aos “transtornos mentais e de comportamento induzidos pelo uso excessivo de álcool” (WHO, 2018). Sendo compreendido como um conjunto de manifestações físicas e comportamentais que causam grande impacto na vida do indivíduo dependente e gera perda de princípios e

valores que antes eram importantes. É baseada em um grande e irresistível desejo de consumir determinada substância alcoólica, sendo o motivo pelo qual, em períodos de abstinência, os indivíduos apresentam recaídas (MAIA; MARQUES; MAIA FILHO, 2017; MELO, 2017; PEREIRA, 2018; SOUZA, 2017).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Teve como cenário de estudo uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Sete Lagoas, Minas Gerais. A APS está regimentada pela Portaria nº 2.436/2017 e suas equipes multiprofissionais compõe o nível primário de assistência no Sistema Único de Saúde (SUS) e buscam a realização de ações de promoção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico e acompanhamento, em todas as fases do ciclo de vida, incluindo pacientes em sofrimento psíquico decorrente do uso e abuso de álcool e outras drogas (BRASIL, 2017).

Os participantes da pesquisa foram 14 familiares de pacientes alcoolistas, selecionados por conveniência, pela enfermeira da ESF estudada, considerando os seguintes critérios de inclusão: ser familiar de paciente alcoolista em acompanhamento na unidade estudada, ter com no mínimo 18 anos, ser parente de primeiro grau do paciente, vivenciar as rotinas do alcoolista, além disso, o paciente alcoolista deveria possuir cadastro na ESF e ser atendido pela equipe há pelo menos seis meses, para que fosse possível relatar as diferenças após o início do tratamento. Os critérios de exclusão foram: familiares impossibilitados de responder a entrevista, em virtude transtorno mental e/ou limitações físicas, ou que não estivesse em casa no momento da coleta de dados.

A coleta de dados ocorreu por meio de uma entrevista com roteiro semiestruturado, criado com base no referencial teórico deste estudo, realizada por meio de visita domiciliar, previamente agendada e acompanhada pela Agente Comunitária de Saúde (ACS) da unidade, durante os meses de fevereiro e março de 2019. As entrevistas foram audiogravadas após anuência dos familiares em participar da pesquisa. O critério utilizado para finalizar a coleta de dados foi o de saturação teórica. Os dados foram tratados conforme proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011), seguindo as etapas de pré-análise (que consistiu na organização e leitura do material pesquisado), a exploração do material (caracterizado pelo estabelecimento de um sistema de codificação, por unidades de sentido e contexto), por fim, tratamento dos

resultados, por meio da inferência e da interpretação, por meio de análise reflexiva que viabilizou a apresentação do relatório final.

Foram também respeitadas as diretrizes éticas da pesquisa envolvendo seres humanos que contemplam as resoluções nº 466/12, nº 510/16 e nº 580/18 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012; 2016; 2018). A pesquisa foi encaminhada ao comitê de ética via Plataforma Brasil, sendo autorizada para a coleta de dados pela Secretaria Municipal de Saúde de Sete Lagoas através da Carta de Anuência e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que foi lido para os participantes e as assinaturas foram colhidas antes de se iniciar as entrevistas. Para garantir o anonimato das informações da pesquisa, os nomes foram substituídos por códigos alfanuméricos: F1, F2, F3, assim sucessivamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto da ESF estudada, foram abordados 14 familiares que atendiam aos critérios de inclusão e que anuíram em participar da pesquisa. Esses familiares eram pais, mães, irmãos e irmãs de pacientes alcoolistas e que são igualmente acompanhados pela ESF. A aproximação da pesquisadora ao universo das famílias viabilizou a análise do cotidiano delas, permitindo a inferência, após análise das entrevistas, de três categorias: “a violência na convivência com o alcoolista”, “sofrimento familiar em conviver com o alcoolista”, “atenção à saúde do paciente alcoolista sob a ótica do familiar”, como descritas e discutidas abaixo.

4.1 A VIOLÊNCIA NA CONVIVÊNCIA COM O ALCOOLISTA

O alcoolismo é um problema de saúde que traz repercussões importantes no seio familiar, sendo uma delas a quebra das relações familiares pela existência de atos de violência doméstica, física, psicológica ou verbal, sendo este um ponto agravante e dificultador das relações, como pode ser visto nas falas abaixo:

[...] Bebe todo dia, todo dia a mesma coisa, em casa ele só fica caçando briga, caçando briga com todo mundo [...]. (F1)

Quando falei outro dia sobre a porta que bateu, ele interpretou que estava brigando com ele e ficou dizendo sai mulher, sai chulé, ele fica meio agressivo, bate as portas, mas nunca me agrediu não (F2).

[...] teve uma vez que ele chegou a me agredir sabe. Ele bebendo fica muito agressivo, então o dia a dia é difícil (F6).

Houve uma vez que chegou bêbado em casa e bateu nos netos, depois veio e me deu um tapa na cara por tentar impedir (F7).

Ele briga muito, fica muito alterado, ansioso, fala palavrões, nomes feios (F14).

A família é parte integrante do indivíduo, base da sociedade. Porém, nos cenários em que há presença de um alcoolista, este se torna fragmentado e a presença de violência surge nas diferentes formas. Lopes *et al.* (2015) identificaram em seus estudos que agressões verbais e psicológicas se encontram presentes nessas famílias, em um processo de naturalização destas formas de agredir, que passa a ser vista como parte da rotina, algo que fica expresso nas falas de F1, F2 e F14. As alterações fisiológicas provocadas pela presença do álcool no organismo, especialmente no sistema nervoso, contribuem para promoção de comportamentos agressivos, em um cenário em que embates físicos também acontecem entre os membros da família, sendo as vítimas os idosos, as crianças e, principalmente, as mulheres (LIMA; DINIZ; HOLSBACH, 2001; MARTINS, NASCIMENTO, 2017; OLIVEIRA; FERREIRA, 2016).

Quando a agressão é cometida em ambientes domésticos por parceiros alcoolistas, é compreendida como a consequência de relações de poder entre o agressor que é o alcoolista e a vítima, fazendo com que se torne visível a desigualdade presente entre eles, no qual o homem é quem domina e quem determina qual é o papel feminino, essa determinação, porém está ligada a fatores sociais e não biológicos (BERTONI; SANTOS, 2017; PUZIPE, 2016).

Esse tipo de violência não gera somente danos físicos, as maiores sequelas são psicológicas, visto que a vítima, quando inicia seu relacionamento, com um modelo pré-estabelecido de felicidade, vê no outro um modo de realização, e a partir da convivência com o alcoolista se torna violada por aquele em que ela confiou como seu companheiro de vida. Essa violência, ligada a xingamentos, frases depreciativas, indiferença como forma de punição e o desrespeito, em geral, levam a sentimentos de inferioridade e impotência (GONÇALVES *et al.*, 2017; VALENTIM; SANTOS; RIBEIRO, 2017). Segundo Hamamura, Bertinetti e Loureiro (2016), anualmente 185,9 mil mulheres sofrem algum tipo de violência doméstica cometida por parceiros, pais ou irmãos alcoolistas. Dessas, 13% poderão ser assassinadas e 26% poderão ter algum dano ou lesão permanente, além de sequelas emocionais e psicológicas.

Além disso, os resultados desta pesquisa corroboram com a pesquisa de Ferreira e Lopes (2017), no que se refere ao fenômeno do isolamento do alcoolista e da convivência com a violência, e que esse conjunto de elementos promove importante sofrimento no seio da família e a ruptura das relações interpessoais. Estudos de Lopes (2016) demonstram que viver com um membro alcoolista na família afeta negativamente as relações com e entre seus descendentes.

4.2 SOFRIMENTO FAMILIAR EM CONVIVER COM O ALCOOLISTA

Os sentimentos que a família vivencia em relação ao alcoolismo são infinitamente variados, contraditórios e complexos, tais como tristeza, decepção, angústia, raiva, revolta, não aceitação, conflitos, rejeição, sentimento de culpa, medo, pena e desesperança (FILIZOLA *et al.*, 2009). Nesta linha, para os participantes desta pesquisa, a convivência com o alcoolismo é sinônimo de sofrimento, quando estes expressam a ausência de diálogo, a não aceitação do familiar alcoolista, seja pela bebida em si ou por seus atos, ou ainda a falta de paciência ou compreensão sobre o fenômeno do alcoolismo, como transcrito:

A convivência familiar não é tão regular, porque tem aqueles que não o aceita [...] é com dificuldade o cotidiano. Eu me sinto abatido (F4).

Não vem muito aqui depois da agressão, fica lá no canto dele lá, longe de mim de preferência (F6).

Ele se apresenta sempre alterado pela bebida, não damos muito ouvido a ele, porque não sabemos as reações, optamos por deixar ele afastado [...] (F7).

Não gostamos muito da presença dele nas nossas casas, estraga as celebrações, sempre pela bebida [...] (F9).

Nós tentamos conviver, mas é difícil, tenho dificuldade de aceitar a condição dele, não tenho paciência, chega bêbado, fedorento, sujo, é difícil suportar, então isolo muitas vezes (F13).

O discurso da não aceitação familiar apresentado por F4 e o incômodo com a presença do ente relatada por F9 corroboram com os resultados encontrados na pesquisa de Rodriguez *et al.* (2015), em que rompimentos de relações familiares e de amizade por pacientes alcoolistas, geraram situação de isolamento. Além disso, relatam que o estigma

criado dentro das famílias, como os citados por F1 e F9, contribuem para exclusão deste ente do círculo de convivências da família, e pode sugerir pouco conhecimento sobre a doença.

De igual modo, elucidam Silva, Padilha e Araújo (2014) que a inserção familiar do alcoolista é dificultada, pois seus comportamentos tendem a ir contra as rotinas da família. Sena *et al.* (2011) complementam que a convivência com o outro se torna dificultada quando há uma inversão de objetivos dentro da família, de modo que os sentimentos se tornam antagônicos e as relações fragmentadas. Este cenário se agrava pela convivência dos entes familiares com eventos truculentos provocados pelos membros alcoolistas, potencializando os conflitos e o isolamento, como pontuado por F13. Filizola *et al.* (2009) identificaram em seus estudos que os alcoolistas tendem a ter suas opiniões ignoradas no seio familiar, ou suas atitudes culminam na perda do respeito entre os membros, algo que ficou implícito nas entrevistas de F7 e F9.

A presença do sofrimento familiar relacionado ao alcoolismo, também está expressa pelas alterações na rotina da residência e pelas dificuldades geradas quando o alcoolista chega em casa ferido por brigas ou quedas nas ruas e causa alterações na dinâmica e nas rotinas familiares:

É bem complicado, a família sofre também levando para hospital, porque caiu por bebida na rua, aí chega todo ruim, então né brincadeira não. Quando bebe eu fico preocupada, eu fico meio sem liberdade, ele brigou com meu namorado, então incomoda a presença dele deste jeito (F2).

Não é bom não, dá muito trabalho, só chega bêbado e não escuta o que a gente fala... Enche a gente, não tem jeito não (F3).

Tive que procurar ajuda né, porque com ele doente a família também adocece, precisei de grupo de autoajuda (F8).

Tudo é muito triste né, porque bebe muito e acho que tem droga também. Não criei filho para isso (F11).

Eu sofro porque não tem rotina, chega a hora que quer, faz barulho, acorda as crianças, chega muitas vezes machucado, aí tem que ir lá pra UPA, porque tá à noite, é muito complicado, é difícil, sinto que adoecemos junto (F12).

Sell (2017) afirma que, para cada alcoolista, de cinco a sete pessoas da família são afetadas por conflitos, desavenças, desconfianças e falta de credibilidade, ocasionando sofrimento e adoecimento mental nos indivíduos presentes naquele meio. As políticas de saúde mental aos usuários de álcool e outras drogas defendem que a participação da família no processo terapêutico é fundamental para recuperação do paciente e da própria estrutura familiar. Essa inserção deve acontecer de forma singular, sustentada na ideia de apoio e

enfrentamento, principalmente porque a parceria com a família proporciona maiores chances de continuidade do cuidado. Rheinheimer e Koch (2016) e Silva e Monteiro (2011) ressaltam que o sofrimento que os familiares passam a suportar, como alterações da rotina, os conflitos e a constante convivência com a violência, dificultam a inserção da família no plano terapêutico desses pacientes, além de promover o adoecimento conjunto, marcado por sentimento de tristeza, cansaço ou depressão, como pontuado por F4, F11 e F12.

Além disso, o alcoolista é um doente mental que acaba exigindo cuidados especiais e atenção constante por parte de quem cuida, contribuindo para sensação de sobrecarga e sofrimento. Rheinheimer e Koch (2016) destacam que as mudanças na dinâmica e nas relações familiares promovem sofrimentos emocionais, insatisfação e conflitos, levando muitos familiares a buscarem ajuda através das unidades de saúde ou de grupos de apoio não governamentais, como pontuado por F3 e F8.

Por isso, defende-se que as políticas de saúde em atenção a esses pacientes necessitam considerar o tratamento da família, para que haja maiores chances de inserção do familiar no cuidado do paciente alcoolista. Os familiares também necessitam de tratamento e suporte para ter novamente esperança. Esse apoio deve gerar momentos de aprendizagem, autoconhecimento e conhecimento sobre a melhor forma de enfrentar as situações e adversidades, assim, se faz necessário um cuidado integral, ético e humanizado do paciente e sua família (VIEIRA; CARDOSO; SIQUEIRA, 2016).

4.3 ATENÇÃO À SAÚDE DO PACIENTE ALCOOLISTA SOB A ÓTICA DOS FAMILIARES

O cuidado à saúde dos pacientes em sofrimento psíquico por dependência de álcool acontece na rede de atenção psicossocial, na qual as ESF representam a porta de entrada preferencial do usuário, além de ser uma forma de reorientação do modelo de atenção à saúde mental, aos moldes da Reforma Psiquiátrica. Neste contexto, o serviço de saúde, por meio de suas equipes multiprofissionais, deve se apresentar como parceira da família, pois favorece as chances de reabilitação psicossocial, indo além do modelo biomédico da assistência (COVELO; BADARÓ-MOREIRA, 2015; LIMA; BRÊDA; ALBUQUERQUE, 2013).

No contexto do alcoolismo, há uma característica no tratamento específica, que consiste na desintoxicação do paciente pela abstinência e um segundo momento que é na

manutenção da capacidade destes pacientes permanecer sem a bebida alcóolica. As ações de atenção primária na assistência a esses pacientes e seus familiares consiste no acompanhamento de rotina, na inserção em atividades e oficinas terapêuticas em todas as fases de tratamento (CORREIA; BARROS; COLVERO, 2011; WENCESLAU; ORTEGA, 2015).

Neste sentido, os familiares entrevistados perceberam fragilidades e potencialidades no atendimento ofertado pela unidade de atenção básica, sendo relevante considerar a percepção de humanização, como dar um abraço no paciente e realizar o processo de escuta qualificada, apesar de alguns familiares destacaram o desconhecimento sobre as ações de saúde ofertadas pela equipe, como transcrito:

Ele só vai lá para pegar a receita do remédio dele, mais nada, ele não trata lá na unidade assim não (F1).

Para esse assunto né, do álcool, aqui em casa ninguém nunca recebeu convite do posto não, para outras coisas sim, mas para isso não (F2).

Não sabia que lá fazia acompanhamento para isso do álcool (F6).

O atendimento foi muito bom, ali até tem a turma toda que nos ajuda muito, pessoal é amicíssimo da gente, pedi a doutora para me dar um abraço, o atendimento para mim tem sido ótimo, eles me apoiam, escutam (F3).

Com ele foi muito bom, sempre teve atendimento preciso e muito atencioso, a equipe que está lá agora teve uma grande melhora (F5).

Os pontos fortes e as fragilidades citadas pelos entrevistados refletem a necessidade e o estímulo do acolhimento em saúde mental no contexto da APS, com qualificação constante dos profissionais para que esta ferramenta de trabalho possa contribuir para o plano terapêutico. O usuário e seu familiar precisam ter na equipe de saúde da família sua referência, de forma a acolher as demandas e atendê-las dentro do que estiver preconizado na rede de assistência à saúde. Este acolhimento deve estar fundamentado nos princípios do SUS, especialmente no que diz respeito à humanização, como citado por F3 e F5. É preciso vivenciar a subjetividade no acolhimento, compreendendo que o sofrimento psíquico promove dor no paciente e nos seus familiares, contribuindo para superação do modelo biomédico de assistência (SILVA FILHO; BEZERRA, 2018).

Apesar de o acolhimento ser atributo a toda a equipe na ESF, o enfermeiro vivencia esta experiência com maior frequência e, esta prática não deve ser caracterizada por encaminhamentos de demandas passíveis de solução pela equipe ou ser limitada a entrega de prescrições médicas refeitas (como renovação de receita citada por F1) ou orientações sobre

medicamentos. O enfermeiro na ESF poderá ser a referência para a escuta deste paciente, ser incentivador do autocuidado apoiado, sendo desnecessário o encaminhamento indiscriminado aos serviços especializados, sobre o pressuposto de que as equipes de saúde mental podem melhor acolher. As práticas de discussão de casos, organização dos atendimentos e o estabelecimento do vínculo terapêutico são os principais elementos para um acolhimento adequado, aliado às práticas de gestão para capacitação das equipes de ESF para esta finalidade (FRATESCHI; CARDOSO, 2016; SILVA FILHO; BEZERRA, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa sugerem que o fenômeno do alcoolismo emerge no seio familiar como um problema multifatorial e que trás impactos relevantes para o cotidiano da família. Experiências de violência doméstica, seja ela física ou psicológica, tornam-se parte da rotina dessas pessoas, de formas mais ou menos veladas. O isolamento do paciente alcoolista dentro da família parece ser um padrão na amostra pesquisada, grande parte pelo próprio comportamento destes pacientes dentro deste núcleo. Ficou evidenciada a presença de sofrimento nas famílias relacionadas ao fenômeno do alcoolismo, como a tristeza, a depressão ou a não conformação.

Aspectos do acompanhamento promovido pela ESF estudada puderam ser apreendidos nesta pesquisa, com pontos fortes e fragilidades expostas sobre a ótica dos entrevistados. O sofrimento proporcionado pela presença do alcoolismo em uma família sugere a necessidade da inserção familiar no plano terapêutico deste paciente, e acredita-se que o enfermeiro pode ser o profissional que intermedia este cuidado dentro da APS. As fragilidades citadas, como a busca da unidade para mera renovação de receitas, evidenciam uma prática biomédica que precisa ser revista. É preciso buscar a unidade para promoção da saúde, com abordagens motivacionais à adesão ao tratamento e o fortalecimento das relações familiares.

Por fim, a pesquisa confirma o pressuposto de que o cotidiano familiar com o alcoolismo é permeado por dificuldades e sofrimentos relacionados a alterações nas rotinas e dinâmicas familiares, à convivência com a violência e à própria falta de compreensão de alguns familiares em torno do fenômeno do alcoolismo.

O estudo limitou-se a uma amostra de 14 familiares acompanhados por uma ESF do município de Sete Lagoas, MG, que vivenciam o fenômeno do alcoolismo no cotidiano permitindo, porém, retratar uma descrição deste fenômeno. Este trabalho motiva estudos futuros, direcionados à mensuração da eficiência e da efetividade dos planos terapêuticos singulares desenvolvidos para estes pacientes e seus familiares, bem como dos fluxos de atendimento deste usuário na rede de atenção à saúde do município.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, James C.; ANDRADE, Arthur Guerra. **Álcool e suas consequências**: uma abordagem multiconceitual. Barueri, SP: Minha Editora, 2009. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/artigo/440/livro-alcool-suas-consequencias-uma-abordagem.php>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTONI, Luci Mara; SANTOS, Rosângela Vasconcelos Raimundo. Alcoolismo e meio rural. **Revista GeoNordeste**, n. 1, p. 98-113, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/6122>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos: **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre os princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 mai. 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 set. 2017. Seção 1. p. 68. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 580, de 22 de março de 2018. Regulamentar o disposto no item XIII.4 da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que estabelece que as especificidades éticas das pesquisas de interesse estratégico para o Sistema Único de Saúde (SUS) serão contempladas em Resolução específica, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 16 jul. 2018. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso580.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CORREIA, Valmir Rycheta; BARROS, Sônia; COLVERO, Luciana de Almeida. Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1501-1506, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600032&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2019.

COVELO, Bárbara Souza Rodriguez; BADARÓ-MOREIRA, Maria Inês. Laços entre família e serviços de Saúde Mental: a participação dos familiares no cuidado do sofrimento psíquico. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1133-1144, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000401133&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 mai. 2019.

DORNELA, Luciana; OLIVEIRA, Juliana. Redução de danos: uma estratégia de tratamento ou incentivo ao alcoolismo? **Psicologia e Saúde em debate**, v.2, supl. 1, p. 32-34, 2016. Disponível em: <<http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/63>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FERREIRA, Thais Batista; LOPES, Arianna Oliveira Santana. Alcoolismo, um caminho para a violência na conjugalidade. **Revista Uniabeu**, v. 10, n. 24, p. 95-110, 2017. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/2527>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FILIZOLA, Carmen Lúcia Alves *et al.* Alcoolismo e família: a vivência de mulheres participantes do grupo de autoajuda Al-Anon. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 181-186, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852009000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mai. 2019.

FRATESCHI, Mara Soares; CARDOSO, Cármen Lúcia. Práticas em saúde mental na atenção primária à saúde. **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 159-168, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 mai. 2019.

GARRIDO, Maria Clara Tosta *et al.* Prevalência de alcoolismo e sintomas depressivos em pacientes da clínica geral na cidade de Salvador/BA. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 20, n. 1, p. 37-72, jan. 2016. Disponível em: <<https://rbnp.emnuvens.com.br/rbnp/article/view/193/87>>. Acesso em: 10 out. 2018.

GONÇALVES, Alda Martins *et al.* Capacitação sobre alcoolismo para profissionais da atenção básica. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 9, n. 22, p. 29-35, 2017. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/2453>>. Acesso em: 10 out. 2018.

HAMAMURA, Hélio Yassuo; BERTINETTI, Mônica Picolo; LOUREIRO, Maria Helena de Figueiredo. Alcoolismo, um desafio para as organizações. **Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/221>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LIMA, Cristiene Barbosa; BRÊDA, Mércia Zeviani; ALBUQUERQUE, Maria Cícera dos Santos. Acolhimento ao familiar da pessoa em sofrimento psíquico nos estudos de enfermagem. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 26, n. 4, p. 571-580, out./dez., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/3124>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

LIMA, Lisa Medeiros; DINIZ, Micheli; HOLSBACH, Maria Livia Carvalho Garbi. A intervenção da terapia ocupacional por meio de recursos terapêuticos no tratamento do alcoolista casado. **Multitemas**, n. 23, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/874>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LOPES, Ana Filipa Heleno Pereira. **Implicações do alcoolismo na dinâmica familiar**. 2016. f.53. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) - Universidade de Coimbra, Coimbra, Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/33157/1/Implica%C3%A7%C3%B5es%20do%20alcoolismo%20na%20din%C3%A2mica%20familiar.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LOPES, Ana Patrícia Araújo Torquato *et al.* Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 20, n. 1, p. 22-30, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2015000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mai. 2019.

MACHADO, Luciana Genuino; BERNARDELLI, Estela Maris Camargo; BENVINDA, Ana Paula Batista. Fatores que influenciam o alcoolismo em mulheres: uma perspectiva psicológica. **Revista UNIPLAC**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revista.uniplac.net/ojs/index.php/uniplac/article/view/3421>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MAIA, Dannel Araujo Martins; MARQUES, Rosemarie Brandim; MAIA FILHO, Antonio Luiz Martins. Consumo de bebidas alcoólicas e a prática do *binge drinking* em acadêmicos de medicina. **Revista Interdisciplinar**, v. 10, n. 1, p. 139-146, 2017. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1068>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MARQUES, Ana Lucia Marinho; MÂNGIA, Elisabete Ferreira. Itinerários terapêuticos de sujeitos com problemáticas decorrentes do uso prejudicial de álcool. **Interface:**

comunicação, saúde, educação, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 433-44, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mai. 2019.

MARTINS, Aline Gomes; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 1, p. 107-121, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mai. 2019.

MEIRELLES, Kátia Melissa. Velhice e Alcoolismo. **Portal do envelhecimento online**, 2017. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/velhice-e-alcoolismo/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MELO, Lafayette Batista. Títulos em notícias de divulgação científica: estratégias discursivas e funcionalidades na interface do Facebook. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 17, n. 1, p. 51-66, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v17n1/1518-7632-ld-17-01-00051.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MENDES, Jucimara Silva *et al.* Significado do tratamento hospitalar de desintoxicação para pessoas com alcoolismo: retomando a vida. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 23, n. 2, e53410, mai. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/53410>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MORAES, Renata Jacintho Siqueira; BARROCO, Sonia Mari Shima. Concepções do Alcoolismo na Atualidade: Pesquisas Hegemônicas, Avanços e Contradições. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 229-37, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000100229&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2018.

OLIVEIRA, Warles Rodrigues; FERREIRA, Rafael Augusto Oliveira. Alcoolismo e Trânsito: uma abordagem escolar dos aspectos negativos desta confluência no 2º ciclo 3ª fase da Escola Estadual Joaquim Barbosa. **Revista Eletrônica de Educação do Norte de Mato Grosso**, v. 1, n. 1, p. 76-85, mai. 2016. Disponível em: <<http://www.cefaprosinop.com.br/site/periodicos/index.php/reenoma/article/viewFile/21/28>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PEREIRA, Ana Larisse Carneiro *et al.* Cuidados preventivos periódicos em pacientes com risco a doenças periodontais: alcoolismo e tabaco. **Implant News Perio International Journal**, v. 2, n. 2, p. 328-333, 2017. Disponível em: <<http://www.inpn.com.br/InPerio/Artigo/Index/32294>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PEREIRA, Ana Paula. A relevância do apoio familiar no tratamento do alcoolismo. **Anais de Medicina**, v. 1, p. 11-17, 2018. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/anaisdemedicina/article/view/15775>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PUZIPE, Karina Torres Pomini. **Reparação óssea com o uso do beta fosfato tricálcico (B-tcp)® na calota craniana de ratos submetidos ao alcoolismo experimental**: análises histomorfológica e histomorfométrica. 2016. f.139. Dissertação (Mestrado em Odontologia). Universidade de São Paulo, Bauru, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/25/25149/tde-04082016-221543/pt-br.php>>. Acesso em: 10 out. 2018.

RABELO, Daniel Mansur *et al.* Atenção farmacêutica no monitoramento de dislipidemias secundárias a partir de diabetes, obesidade e alcoolismo. **Revista Acadêmica Conecta FASF**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2017. Disponível em: <<http://revista.fasf.edu.br/index.php/conecta/article/view/43/pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

RHEINHEIMER, Isabel Lermen; KOCH, Sabrina. O papel da família no cuidado com a pessoa portadora de transtorno mental. **Revista Psicologia em Foco**, v. 8, n. 11, p. 49-61, jul. 2016. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/2457/0>>. Acesso em: 03 mai. 2019.

RODRIGUEZ, Joaquín Salvador Lima *et al.* Resposta da pessoa doente alcoolista frente à sua doença: perspectivas de pacientes e familiares. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1165-1172, nov./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01165.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SANTOS, Juliana Garbayo; CRUZ, Marcelo Santos. Alcoolismo após cirurgia bariátrica: relato de caso. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 4, p. 340-343, dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852016000400340&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2018.

SELL, Agatha. **Alcoolismo na construção civil**: estudo de causa e recomendações legais. 2017. f.35. Monografia (Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho). Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/2790/Monografia_Seguranca%20do%20Trabalho_Agatha%20Sell.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 out. 2018.

SENA, Edite Lago da Silva *et al.* Alcoolismo no contexto familiar: um olhar fenomenológico. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 310-318, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mai. 2019.

SILVA, Kely Vanessa Leite Gomes; MONTEIRO, Ana Ruth Macedo. A família em saúde mental: subsídios para o cuidado clínico de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1237-42, out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mai. 2019.

SILVA, Silvio Eder Dias; PADILHA, Maria Itayra; ARAÚJO, Jeferson Santos Araújo. A interação do adolescente com o familiar alcoolista e sua influência para adicção do alcoolismo. **Revista de enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 8, n. 1, p. 59-69, jan. 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/9606/9576>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

SILVA FILHO, José Adelmo da; BEZERRA, Adriana de Moraes. Acolhimento em Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: Revisão Integrativa. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 12, n. 40, 2018. Disponível em:

<<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1138>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SOUZA, Eliene Lima. Depressão em policiais masculinos: Avaliação do perfil de usuários crônicos de bebida alcoólica na PMMG. **Psicologia: Saúde Mental & Segurança Pública**, v. 2, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://revista.policiamilitar.mg.gov.br/index.php/psicologia/article/view/76>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SOUZA, Luiz Gustavo Silva *et al.* O alcoolismo, suas causas e tratamento nas representações sociais de profissionais de Saúde da Família. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1335-1360, 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.org/pdf/physis/2015.v25n4/1335-1360/pt>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

TAVARES, Marcus Luciano de Oliveira; REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; PIMENTA, Adriano Marçal. Análise descritiva sobre o conhecimento de acadêmicos de enfermagem sobre o alcoolismo. **Revista de enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 2, p. 498-505, fev. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11967/14508>>. Acesso em: 10 set. 2018.

TEIXEIRA, Edvan Plácido *et al.* O enfrentamento da família diante do alcoolismo. **Revista Saúde.com**, v.11, n.3, p. 213-226, 2016. Disponível em:

<<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/364/294>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

THOMAZ, Rodrigo Dornelas; COSTA FILHO, Adilson da; BRAZ, Márcia Ribeiro. Alcoolismo no ensino médio: uma contribuição da enfermagem. **Saber Digital**, v. 8, n. 1, p. 45-67, 2015. Disponível em: <<http://revistas.faa.edu.br/index.php/SaberDigital/article/view/389>>. Acesso em: 10 out. 2018.

TORRE, Franco Della. Aspectos gerais do alcoolismo. **Revista UNIPLAC**, v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://revista.uniplac.net/ojs/index.php/uniplac/article/view/2475>>. Acesso em: 10 out. 2018.

TURAZZI, Djone Luize Luize; DEMARCO, Taisa Trombetta. O alcoolismo nas organizações na perspectiva dos assistentes sociais. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**, v. 1, 2016. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/12776>>. Acesso em: 10 out. 2018.

VALE, Benjamim Pessoa *et al.* Traumatismo cranioencefálico por colisão automobilística e alcoolismo no Piauí. **Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 174-181, mai. 2018. Disponível em: <<https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/pdf/10.1055/s-0036-1583935.pdf?articleLanguage=en>>. Acesso em: 10 out. 2018.

VALENTIM, Olga Sousa; SANTOS, Célia; RIBEIRO, José Pais. Grupos de autoajuda: a percepção de gravidade do alcoolismo, da saúde física e mental. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. spe 5, p. 93-97, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2018.

VARGAS, Divane; ROCHA, Fernanda Mota. Propriedades psicométricas da escala de atitudes frente ao álcool e ao alcoolismo em estudantes de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 24, e2823, p. 1-8, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-24-02823.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

VIEIRA, Camila Barcelos; CARDOSO, Lorena Silveira; SIQUEIRA, Marluce Mechelli. Avaliação da satisfação e percepção de mudanças entre usuários de um programa de alcoolismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 18, n. 1, p. 87-95, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/viewFile/15139/10720>>. Acesso em: 10 out. 2018.

WENCESLAU, Leandro David; ORTEGA, Francisco. Saúde mental na atenção primária e Saúde Mental Global: perspectivas internacionais e cenário brasileiro. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1121-32, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000401121&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases (ICD 11)**. 11. ed. Geneva: WHO Press. 2018. Disponível em: <<https://icd.who.int/en/>>. Acesso em: 09 mai. 2019.

ZAMBILLO, Marciana; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. Equilibristas embriagados: a dinâmica familiar alcoolista pelos vieses da Psicoterapia Familiar Sistêmica. **Aletheia**, Canoas, n. 43/44, p. 91-104, jan./ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2019.